

Pirâmide invertida na cibernotícia: a resistência de uma técnica centenária

Fernando Zamith

Licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto

A pirâmide invertida

Mar de Fontcuberta (1996: 58-59) atribui o nascimento da pirâmide invertida à Guerra de Secessão norte-americana, quando os correspondentes dos jornais se precipitavam para os postos do telégrafo procurando ser os primeiros a relatar os acontecimentos.

“Perante esta situação, os operadores de telégrafo criaram um método para dar prioridade em simultâneo a todos os correspondentes. O método consistiu em fazer uma fila de informadores em que cada um podia ditar um parágrafo – o mais importante – da sua informação. Ao acabar o turno iniciava-se o ditado do segundo parágrafo, e assim até final. Nascera a *pirâmide invertida* da notícia, método ainda hoje em vigor” (Fontcuberta, 1996: 59).

Para ganhar tempo, os correspondentes iam directos ao assunto: “não davam a sua opinião nem entravam em excessivos pormenores; procuravam informar sobre os acontecimentos mais importantes” (*ibidem*).

Carl N. Warren, citado por José Alvarez Marcos (2003: 246), defende, contudo, que foram os editores dos jornais que criaram a pirâmide invertida em 16 de Abril de 1861, data da queda do forte Sumter. As linhas telegráficas estavam constantemente a ser cortadas, pelo que os editores ordenaram aos seus correspondentes que relatassem o essencial nas primeiras linhas.

Não há um único manual de jornalismo que não faça referência a esta técnica redactorial. Em 1982, José Jorge Letria e José Goulão (1982: 74) classificaram-na mesmo como “uma das leis fundamentais do jornalismo” de então: “*na notícia o mais importante escreve-se logo no início*”. “Seguem-se as peripécias do caso, com uma outra preocupação: *os factos ordenam-se por ordem decrescente de importância*” (*ibidem*). Luiz Amaral (1969: 65) considerava “obrigatório” que um “bom redactor” dispusesse dos dados da notícia “por ordem decrescente de importância”.

Numa análise aos manuais de jornalismo norte-americanos das décadas de 80 e 90 do século XX, Bonnie S. Brennen (2000: 107) conclui que “a pirâmide invertida está ainda viva e de boa saúde”.

Se a pirâmide invertida tem sido dominante nas *hard news* dos media tradicionais, nunca o terá sido, contudo, nas notícias mais ligeiras (*fait divers* ou *soft news*) nem nos géneros jornalísticos mais livres, subjectivos e opinativos, como a crónica, o editorial e o comentário.

Argumentos pró

Nesta recolha de argumentos pró e contra o uso da pirâmide invertida na cibernotícia, beneficiei de uma inesperada e extraordinária contribuição. Em 29 de Novembro de 2004, no primeiro dia do II Congresso Ibero-americano de Jornalismo Digital, em Santiago de Compostela, a professora da Universidade do País Basco María José Cantalapiedra defendeu acerrimamente a pirâmide invertida como técnica a utilizar na construção da cibernotícia, mas apenas nesta, e não nos restantes géneros jornalísticos *online*. Esta posição surpreendeu alguns dos participantes, mais habituados a propostas hipertextuais, como a técnica dos blocos hiperligados, tendo de imediato Cantalapiedra sido “bombardeada” com críticas. Em sua defesa, surgiu então o mais bem-disposto congressista, o pioneiro do jornalismo *online* no Brasil Rosental Calmon Alves. Este professor de Jornalismo *Online* da Universidade do Texas, onde é também responsável pelo *Knight Center for Journalism in the Americas*, propôs, ironicamente, a criação do Partido Pró-Pirâmide Invertida (PPPI).

No final da sessão, falei com os dois defensores da pirâmide invertida, para procurar conhecer melhor os seus argumentos. María José Cantalapiedra recusa-se a promover junto dos seus alunos o uso de outra técnica de construção da cibernotícia, por temer que se desconcentrem do essencial: “ter capacidade para contar num parágrafo o que se passa”. É a regra base da pirâmide invertida: começar pelo que marca a notícia, para depois continuar com explicações acessórias. Cantalapiedra não se manifestou sequer flexível na combinação da pirâmide invertida com outras técnicas que explorem as potencialidades hipertextuais da Internet, como a repartição por blocos autónomos, quando o volume e/ou a complexidade das informações relevantes recolhidas (a

“matéria-prima” da notícia) recomenda(m) textos mais explicativos, logo, de maior dimensão.

Rosental Alves argumentou que já desde 1996 Jakob Nielsen¹ vem defendendo que a pirâmide invertida continua a ser a mais adequada técnica de construção de notícias na *web*, porque os ciberleitores mudam rapidamente de página e querem captar de imediato o essencial no *lead*, fazendo depois um “varrimento” visual (leitura na diagonal) do corpo da notícia.

Regressados a Portugal, escrevi sobre o assunto no meu blogue² e a minha colega de mestrado Daniela Bertocchi fez o mesmo no dela³. Indignado com a “criação” do PPPI, Ramón Salaverría, da Universidade de Navarra, colocou nas caixas de comentários dos dois *posts* um texto contra a pirâmide invertida no ciberjornalismo⁴, que fez relançar a polémica iniciada em Santiago de Compostela. Um mês mais tarde, Carlos Castilho, do Observatório da Imprensa (Brasil), fez eco da polémica e entrevistou, por *e-mail*, Rosental Alves⁵. Nessa entrevista, o fundador do PPPI explica com maior detalhe a sua posição, afirmando que “não estava brincando quando defendia a eficácia da velha pirâmide invertida como forma de redigir notícias na *web*” (Castilho, 2005). “Ir directo ao ponto, numa redacção de estilo conciso, só ajuda a comunicação num meio nervoso e interactivo como a *web*, especialmente ao se tratar de *hard news*, das notícias de última hora, que são o forte do jornalismo online na fase actual” (*ibidem*), afirma Alves, acrescentando que “ainda vale o princípio básico da pirâmide invertida: dizer logo do que se trata, apesar de deixar ao leitor a possibilidade de navegar pela narrativa da forma que queira, em lugar de sugerir apenas um caminho sequencial” (*ibidem*). Alves diz ainda que “o próximo passo será buscar a narrativa jornalística mais adequada para este meio” (*ibidem*), tarefa que tem sido mais lenta do que se imaginava.

Jakob Nielsen (1996) começou por defender a pirâmide invertida na *web* baseando-se em estudos que apontavam que os leitores (ou frequentadores) da Internet não faziam navegação horizontal ou vertical (*scroll*), optando por mudar de página

¹ <http://www.useit.com/alertbox/9606.html>

² <http://blog.icicom.up.pt/archives/005728.html#005728>

³ <http://intermezzo-weblog.blogspot.com/2004/12/partido-pr-e-contra-piramide-invertida.html>

⁴ ver capítulo seguinte

⁵ <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002>

através de hiperligações. Como o espaço visível no monitor é pequeno, seria aconselhável utilizar uma técnica que fosse directa ao assunto, como a pirâmide invertida. Mais tarde, em 2003, Nielsen reconheceu que este argumento já não era válido, porque os utilizadores da Internet já se tinham habituado a fazer *scroll*, mas manteve a sua posição, sublinhando que “continua a ser um bom princípio orientador que a informação mais importante apareça em cima” (*ibidem*). Nielsen diz que seria expectável que os redactores na *web* repartissem o seu texto em pequenas peças coerentes, “parecendo o trabalho global mais como um conjunto de pirâmides flutuando no ciberespaço do que com o tradicional ‘artigo’” (*ibidem*), mas reconhece a dificuldade em aprender este novo estilo de escrita.

Nielsen (1997) diz também que os utilizadores da *web* são “impacientes” e não lêem de forma sequencial, preferindo uma leitura na diagonal. Num estudo feito a cinco diferentes estilos de escrita, Morkes e Nielsen (1997) concluem que um *site* consegue aumentar em 124% a sua *usability* (a forma como é usado e apreciado pelo leitor) se for escrito de forma concisa (ganho de 58%), *scannable* – com elementos em destaque que facilitem a leitura na diagonal (47%) – e objectiva (27%). Em ligação directa com estes resultados, os autores confirmam que os ciberleitores “gostam de sumários e do estilo pirâmide invertida” (*ibidem*).

O *Manual de Redacción Ciberperiodística* (Noci & Salaverría, 2003) é um exemplo perfeito da controvérsia que ainda suscita o tema deste artigo. O mesmo livro reúne adeptos e opositores da pirâmide invertida na cibernotícia, o que até não é de estranhar, se atendermos à variedade de autores - 19 professores universitários de toda a Espanha. Se os coordenadores da obra são contra, já José Álvarez Marcos (2003: 247) afirma que os estilos redactoriais na *web* se ajustam a “protocolos clássicos de brevidade, concisão e estrutura piramidal”. E acrescenta:

“Outro dos argumentos que devolve à pirâmide invertida a sua vigência na era digital é a necessidade de superar o caos que implica os milhares de sítios com informação de actualidade que existem na Internet” (*ibidem*).

Este professor da Universidade de Sevilha destaca também o crescente número de autores e profissionais que alertam para os perigos do abuso do hipertexto e sublinha que “escrever para a *web* é muito mais do que pensar nas possibilidades do hipertexto, é conceber uma arquitectura multimédia em que as histórias satisfaçam todas as necessidades informativas dos utilizadores” (*idem* 248). “E a primeira delas é a

actualidade, a rapidez informativa”, acrescenta, concluindo que “a velocidade nos leva, de novo, à estrutura piramidal”. “O estilo redactorial das agências de notícias, baseado na rapidez e máxima actualidade, inspira muitas notícias na *web*, sobretudo as de última hora” (*ibidem*), salienta Marcos, recordando que a pirâmide invertida continua a ser a técnica redactorial da notícia de agência.

Marcos propõe o conceito de “pirâmide convergente” (*idem*. 250-251), juntando texto, imagem e som, e estruturada como a pirâmide invertida clássica. Adverte ainda para a importância que esta velha técnica tem na difusão de notícias para telemóveis (através da tecnologia SMS) e para os pequenos computadores de bolso (PDA). O escasso espaço disponível obriga ao uso de textos muito curtos e directos.

Um dos colunistas mais lidos e respeitados no ciberjornalismo, Steve Outing (2004), sugeriu recentemente aos autores de blogues que aprendam com os jornalistas e escrevam os seus *posts* em pirâmide invertida: “Colocar a informação mais importante de uma história no topo faz muito sentido online, onde a atenção é breve e não podemos contar com leitores a olhar para lá da primeira frase ou parágrafo”.

Mike Ward (2002: 111) é outro partidário da estrutura piramidal, embora entenda que se deva colocar a pirâmide na sua posição natural, por dessa forma simbolizar melhor as duas intenções que lhe estão subjacentes: o mais importante e o mais breve primeiro. Ward refere-se, designadamente, ao manual do jornalista da edição *online* da BBC, *The Online Journalist* (*idem*. 112), extremamente rigoroso ao definir a obrigatoriedade de contar a história de uma forma clara e directa num máximo de quatro parágrafos: “Na rádio e na TV, às vezes é necessário conduzir os ouvintes/telespectadores suavemente para a história. Na *web*, é preciso entrar na história imediatamente” (*idem*: 115).

Os estudos feitos por Carole Rich (1998) apontam para a adopção de diferentes técnicas adaptadas aos vários conteúdos ciberjornalísticos, mas a autora também reconhece a importância da pirâmide invertida nas *hard news* difundidas na *web*.

Argumentos contra

Ao longo das últimas décadas, têm-se sucedido os estudos sobre as vantagens e desvantagens de uso da pirâmide invertida no jornalismo, particularmente na imprensa.

Na generalidade, os estudos indicam que o leitor recorda melhor os pormenores de um acontecimento que lhe foi apresentado numa narrativa linear (em ordem cronológica) do que o que leu em pirâmide invertida. Uma das explicações que tem sido dada é que ler uma “história” (seja ela notícia ou romance literário) em ordem cronológica é mais apelativo e entusiasmante do que ler um texto em que nos é dada de imediato a “conclusão” e em que o interesse vai decrescendo à medida que avançamos na leitura.

Em três recentes estudos paralelos sobre os efeitos da estrutura narrativa no suspense, curiosidade e satisfação na leitura de notícias e romances (Knobloch & al, 2004: 259), concluiu-se que a pirâmide invertida é o tipo de estrutura que menos produz no leitor aquelas três reacções. O tipo linear foi o que suscitou maior suspense; o tipo inverso (do fim da acção para o início) foi o que provou maior curiosidade; e estes dois tipos (linear e inverso) causaram maior satisfação aos leitores do que o tipo invertido (pirâmide invertida), não se registando diferenças significativas entre notícias e romances. “Criar notícias para recepção efectiva ou para satisfação afectiva pode ser um tanto contraditório” (Knobloch & al, 2004: 282), referem os autores, reconhecendo, contudo, a necessidade de novas investigações, que atendam a factores importantes como os eventuais efeitos dos aspectos narrativos na compreensão das notícias e o crescimento das “soft news”, com a consequente valorização da distração e do entretenimento, em desfavor da informação.

No ciberjornalismo, João Canavilhas assumiu em 2001 uma posição radical contra o uso da pirâmide invertida: “No webjornalismo **não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide**, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si”. É curioso verificar que, anos mais tarde, o autor republicou o artigo, introduzindo uma ligeira – mas significativa – alteração ao texto original: “No webjornalismo **a pirâmide é substituída por** um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si” (Canavilhas: 2003). Canavilhas aludia a um estudo do *Media Effects Research Laboratory*, publicado em 1992, que indicava que “os utilizadores preferem navegar livremente num texto separado por blocos, a seguir obrigatoriamente a leitura de um texto compacto seguindo as regras da pirâmide invertida” (*ibidem*).

Na polémica que se gerou após o congresso de Santiago de Compostela⁶, Ramón Salaverría foi extremamente cáustico na crítica aos defensores da pirâmide invertida, propondo mesmo a “criação” do *Partido de la Redacción Ciberperiodística* (PRC)⁷, que, jocosamente, disse ser também conhecido nos “círculos clandestinos” como *Partido Contra los Perceptistas Anticuados de la Pirâmide Invertida*. A reacção do director do Laboratório de Comunicação Multimédia da Universidade de Navarra nasceu, contudo, de um equívoco: Nem María José Cantalapiedra nem Rosental Alves defenderam a pirâmide invertida como “formato redactorial único e supremo para os cibermeios”. Ambos se fixaram na cibernotícia e, no caso de Alves, apenas nas *hard news*, dado que há outras técnicas mais aconselháveis para outros géneros jornalísticos.

A excessiva rudeza das palavras de Salaverría foi reconhecida pelo próprio, que, aquando do relançamento do debate por Carlos Castilho, colocou um novo comentário no blogue *Intermezzo*⁸, pedindo desculpa a quem se tivesse sentido ofendido e explicando os seus argumentos de um modo menos “mal-humorado”. Salaverría afirma que “a pirâmide invertida serve, mas não basta”:

“Um meio hipertextual como a web exige começar a utilizar formatos que aproveitem a possibilidade de fragmentar o discurso informativo, e de criar, portanto, níveis de profundidade documental. E a pirâmide invertida, um formato intrinsecamente monolítico, não facilita esse trabalho”.

O professor universitário reconhece que, “sem dúvida, a pirâmide invertida é um formato adequado” para o primeiro nível informativo hipertextual, “mais superficial”, com que os meios digitais se têm “conformado” até agora. Mas recomenda que esses meios comecem a apostar também em matérias que exigem maior profundidade documental e desenvolvimento narrativo, “onde a pirâmide invertida deixa de ser válida como formato discursivo”.

Já em ocasiões anteriores, Salaverría (2004: 3) tinha apelado para a necessidade de procurar “novas formas de expressão para o ciberespaço”. Uma das tentativas mais consistentes foi por si feita em parceria com Javier Díaz Noci, da Universidade do País Basco, no *Manual de Redacción Ciberperiodística* (Noci & Salaverría, 2003: 120-133). Os coordenadores da obra escreveram em conjunto um capítulo em que propõem para

⁶ ver capítulo anterior

⁷ <http://blog.icicom.up.pt/archives/005728.html#005728>

⁸ <http://intermezzo-weblog.blogspot.com/2005/01/e-o-debate-continua.html>

os cibermeios várias estruturas hipertextuais, desde a tradicional estrutura linear da pirâmide invertida até estruturas em rede de entradas múltiplas, dando o máximo de liberdade ao ciberleitor para percorrer os elementos da peça noticiosa pela ordem que quiser. A flexibilidade destas propostas permite ao redactor/editor do cibermeio escolher a estrutura hipertextual que mais se adequa à matéria que pretende noticiar.

A oposição de Salaverría à pirâmide invertida no jornalismo digital começou, contudo, muito antes, em 1999, quando criticou os jornalistas por estarem a escrever para a Internet “sem saberem escrever para a Internet” (Salaverría, 1999). O professor da Universidade de Navarra identificou entre os principais problemas da redacção ciberjornalística a extensão dos textos, a dificuldade em datar as notícias num meio ubíquo (acessível em simultâneo nos 24 fusos horários do planeta), o uso de títulos criativos e indicativos (típicos da imprensa) e a ausência de um critério claro no uso de ligações hipertextuais. “Transferir sem mais uma estrutura fechada como a pirâmide invertida para o jornal digital supõe prescindir do novo recurso jornalístico chave: o hipertexto” (ibidem), salientava Salaverría, frisando que o hipertexto permite libertar os ciberleitores da leitura obrigatória de passagens documentais para muitos desnecessárias e indesejadas, como clarificação de siglas, referência a dados biográficos ou peças de “background”. No mesmo artigo, Salaverría sublinhava que, além da redundância, a notícia hipertextual pode libertar-se da “previsibilidade” da pirâmide invertida.

Mario García (Torres, 2004: 112) também acredita que a pirâmide invertida virá a ser substituída na Internet por outra técnica redactorial, a que chama “taça de campanha”: “(...) a história flui graciosamente, apertando-se para um ponto de interesse ou de excitação”. García explica que, neste formato, a história é contada em pequenos pedaços (*chunks*), com a excitação renovada mais ou menos em cada 21 linhas, o que ajuda o leitor a manter o interesse ao longo de toda a história, à semelhança do que acontece com um bom romance.

Também Mark Deuze (1999: 381) defende uma redacção em *chunks*, recordando que “a escrita tradicional é linear por natureza, mas a escrita *online* pode ser não linear”: “Isto significa que cada história pode ser cortada em peças mais pequenas e espalhada através de páginas *web*”, que podem ser acedidas separadamente e por qualquer ordem.

María Bella Palomo Torres (2004: 114) afirma que “a redacção na Internet é um estilo híbrido entre a escrita convencional e a expressão oral”, pelo que há autores que

recomendam uma linguagem mais coloquial e textos abertos à interactividade, à espera da contribuição do ciberleitor.

Carole Rich (1998) conclui nos seus estudos que é preferível apresentar “diferentes formas para diferentes funções: “pirâmide invertida para algumas *hard news*, narrativa em série para outras, *chunks* laterais com *links* para diferentes páginas se as histórias têm quebras lógicas, e *scrolling stories* [histórias de navegação vertical e horizontal] para aquelas que, para melhor compreensão, precisam de uma apresentação mais linear”. Referindo-se aos estudos de Rich, Ricardo Nunes afirma que, “se nos posicionarmos no patamar de quem escreve e apresenta a informação periodicamente nos meios de comunicação social, não só a estrutura hipertextual se apresenta como uma condição *sine qua non* para descrever a realidade através dos media electrónicos, como esta nova arrumação permite uma eficácia porventura maior do que a utilização exclusiva da clássica estruturação em forma de pirâmide invertida nos media tradicionais” (Nunes, 2005: 2).

Conclusão

Os argumentos pró e contra aqui apresentados poderiam prenunciar uma “guerra sem tréguas” entre “partidos” opostos, mas parece-me poder concluir que as posições, na generalidade, não estão tão distantes umas das outras quanto isso.

Se repararmos com atenção, praticamente todos os autores concordam que as *hard news* devem ser construídas numa estrutura piramidal, baseada num título e num *lead*/entrada/abertura fortes, conclusivos, que vão directos ao assunto, ao que é notícia.

Parece haver diferenças de opinião na forma como se deve passar do *lead* para o resto da informação (ou conteúdo) que queremos transmitir, mas, em grande parte, também aqui é mais aparente do que real. Os blocos hiperligados de que Canavilhas fala não são, na sua essência, diferentes dos *chunks* referidos por Rich e Deuze (diferente só mesmo a “taça de champanhe” de García), e que estão subentendidos nas estruturas propostas por Noci e Salaverría.

Mesmo Nielsen, Alves e Marcos reconhecem as enormes potencialidades de hipertexto, interactividade, convergência e disponibilização de arquivos que a Internet oferece, defendendo apenas que o avanço para diferentes técnicas, e até mesmo

linguagens, deve ser restringido aos outros inúmeros géneros jornalísticos - para lá das *hard news* - que a *web* propicia.

O que não se pode de forma alguma fazer é defender a pirâmide invertida apenas com o objectivo de manter na esfera do jornalista tradicional o controlo da forma como a notícia é recebida. O ciberleitor quer, pode e deve conduzir o seu percurso por entre o (desejavelmente variado e completo) material noticioso disponibilizado num cibermeio. Nas peças jornalísticas que Salaverría descreve como reclamando maior profundidade documental e desenvolvimento narrativo, o ciberleitor tem de ter o direito de “consumir” apenas o que quer e seguir o trajecto que mais lhe atrai, construindo a sua própria pirâmide invertida.

Bibliografia

AMARAL, L., *Técnica de Jornal e Periódico*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1969.

BRENNEN, B. S., ‘What the hacks say – The ideological prism of US journalism texts’, in *Journalism* vol. 1: 106-113, London, Sage, 2000.

CANAVILHAS, J., ‘Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web’, in *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 2001, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> (12.01.2003)

CANAVILHAS, J., ‘Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web’, in Fidalgo, A. & Serra, P., 2003, *Jornalismo Online*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.

CASTILHO, C., ‘Uma linguagem em construção’ in *Observatório da Imprensa*, 2005, <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002> (30.01.2005)

DEUZE, M., ‘Journalism and the web’, in *Gazette*, vol. 61(5): 373-390, London, Sage, 1999.

FONTCUBERTA, M., *A Notícia – Pistas para compreender o mundo*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.

KNOBLOCH, S. & al., ‘Affective News – Effects of discourse structure in narratives on suspense, curiosity, and enjoyment while reading news and novels’, in *Communication Research*, vol. 31 nº 3, Junho 2004, p. 259-287.

LETRIA, J. J. & GOULÃO, J., *Noções de Jornalismo*, Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

MARCOS, J. A. ‘El periodismo ante la tecnología hipertextual’, in Noci, J. D. & Salaverría, R., *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Barcelona: Ariel Comunicación, 2003, p. 231-259.

MORKES, J. & NIELSEN, J., ‘Concise, SCANNABLE, and Objective: How to Write for the Web’, in *useit.com*, 1997, <http://www.useit.com/papers/webwriting/writing.html> (30.01.2005)

NIELSEN, J., ‘Inverted Pyramids in Ciberspace’, in *useit.com*, 1996, <http://www.useit.com/alertbox/9606.html> (30.01.2005)

NIELSEN, J., ‘Changes in Web Usability Since 1994’, in *useit.com*, 1997, <http://www.useit.com/alertbox/9712a.html> (30.01.2005)

NOCI, J. D. & SALAVERRÍA, R. ‘Hipertexto periodístico: teoría y modelos’, in Noci, J. D. & Salaverría, R. *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Barcelona: Ariel, 2003, p. 81-139.

NUNES, R., ‘Notícia digital: processos de construção’, in *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 2005, <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> (13.07.2005)

OUTING, S., ‘What Bloggers Can Learn From Journalists’, in *Poynter Online*, 2004, http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=75665 (30.01.2005)

RICH, C., ‘Newswriting for the web’, in *Poynter Online*, 1998, <http://www.members.aol.com/crich13/poynter1.html> (03.02.2005)

SALAVERRÍA, R. *Redacción Periodística en Internet*, Pamplona, Eunsa, 2005.

SALAVERRÍA, R. ‘Cómo escribir para la prensa digital?’, in *Mediaccion.com*, 2004, <http://www.mediaccion.com/mediaccionline/temas/periodigital/object.php?o=192> (03.02.2005)

SALAVERRÍA, R., ‘De la pirámide invertida al hipertexto’, in *MMLab*, 1999, <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> (13.07.2005)

TORRES, M. B. P., *El periodista on line: de la revolución a la evolución*, Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2004.

WARD, M., *Journalism Online*, Woburn, Focal Press, 2002.

ZAMITH, F., ‘Pirâmide invertida na cibernotícia: argumentos pró e contra’, in *Webjornalismo*, 2005, <http://www.webjornalismo.com/sections.php?op=viewarticle&artid=95> (03.04.2005)